

A metáfora conceptual no discurso psicanalítico sobre a depressão

The conceptual metaphor in the psychoanalytic discourse on depression

José Genival Bezerra FERREIRA*

Centro de Estudos em Letras (CEL) - Universidade de Évora

RESUMO: Este estudo analisa as metáforas conceptuais utilizadas por psicanalistas ao falar sobre depressão em vídeos no YouTube. A pesquisa identifica as principais metáforas e infere os modelos subjacentes de conceptualização dessa doença mental. O *corpus* inclui quatro vídeos em português, totalizando 71 minutos. As expressões metafóricas foram detectadas, quantificadas e classificadas, e as metáforas conceptuais correspondentes foram categorizadas por domínios de destino. As conclusões revelam padrões de conceptualização da depressão através das metáforas, destacando a depressão como um agente externo com capacidades volitivas, uma inimiga em metáforas de luta, com o paciente em posição inferior, e, em geral, o uso de metáforas que desvalorizam o empoderamento dos afetados.

PALAVRAS-CHAVE: Metáfora Conceptual. Análise do Discurso. Depressão, Psicanálise.

ABSTRACT: This study analyzes the conceptual metaphors used by psychoanalysts when discussing depression in YouTube videos. The research identifies the main metaphors and infers the underlying models of conceptualizing this mental illness. The corpus includes four Portuguese-language videos, totaling 71 minutes. Metaphorical expressions were detected, quantified, and classified, and the corresponding conceptual metaphors were categorized by target domains. The conclusions reveal patterns in the conceptualization of depression through metaphors, highlighting depression as an external agent with volitional capabilities, an enemy in battle metaphors, with the patient in an inferior position, and generally, the use of metaphors that devalue the empowerment of those affected.

KEYWORDS: Conceptual Metaphor. Discourse Analysis. Depression. Psychoanalysis.

Introdução

Este trabalho apresenta uma análise do discurso psicanalítico sobre a depressão no contexto atual do aumento da prevalência da doença. Utilizando a Teoria da Metáfora Conceitual (TMC) como metodologia, a análise assume a natureza conceptual

* Doutor em Linguística pela Universidade de Évora (Portugal) e pesquisador do Centro de Estudos em Letras (CEL) da mesma universidade.

da metáfora, a viabilidade de sua identificação a partir de expressões linguísticas e adota a hipótese de que as metáforas conceptuais podem revelar os padrões de pensamento dos falantes.

A TMC foi inicialmente formulada por Lakoff e Johnson (1980)¹. É amplamente conhecida e foi desenvolvida em uma infinidade de publicações, entre as quais Johnson (1987), Lakoff (1987), Lakoff e Turner (1989), Lakoff (1993) e Gibbs (1994) podem ser classificados como clássicos. A metáfora conceptual (MC) é postulada como um processo cognitivo inconsciente e geralmente despercebido, por meio do qual estruturas de conhecimento são transferidas entre domínios de experiência, de modo que o domínio destino² seja parcialmente conceptualizado em termos do domínio fonte. É necessário realçar a natureza conceptual e não puramente linguística da MC, razão pela qual se assume que as expressões metafóricas (EM) são a realização superficial de uma MC, que pode ser manifestada em múltiplas EM.

A principal função da MC é facilitar a compreensão e a eficácia comunicativa em relação ao domínio destino, uma vez que o domínio origem é de natureza mais concreta, mais bem compreendido e, em muitos casos, mais próximo da experiência. Nesse sentido, postula-se que muitos dos domínios origem das MC refletem padrões de experiência corporal, denominados “esquemas de imagem” (Lakoff e Johnson, 1999).

A análise empírica dos discursos no âmbito da TMC tem sido aplicada a uma ampla variedade de campos, como o médico, jurídico, econômico, religioso, jornalístico e publicitário. Os trabalhos pioneiros e mais representativos são os de George Lakoff no campo do discurso político, especificamente sobre o uso de metáforas na justificativa da primeira guerra no Iraque pelo governo norte-americano (Lakoff, 1987) e sobre a comparação do discurso ideológico dos partidos Democrata e Republicano dos Estados Unidos (Lakoff, 2004). Mais diretamente relacionado com o nosso trabalho, na área da saúde mental, vale destacar a análise das MCs presentes em relatos de doenças como câncer (Gibbs e Franks, 2002; Semino *et al.*, 2017), acidente vascular cerebral (Boylstein *et al.*, 2007), diabetes (Goering, 2015) e depressão (Schoeneman *et al.*,

¹ Todas as traduções de autores estrangeiros citados são do autor do artigo.

² Neste trabalho para identificação das metáforas, utilizamos as expressões "domínio fonte" e "domínio origem" como sinônimos, assim como "domínio meta" e "domínio alvo". Alternamos esses termos, como fazem muitos estudiosos da área.

2004), sendo esse último trabalho especialmente relevante por seu diálogo mais próximo com o nosso artigo.

Para Lakoff (1991, p. 11-13), a metáfora limita a percepção, realçando certos aspectos ou ideias e ocultando outros, além de fornecer parte da estrutura inferencial com a qual raciocinamos. Diferentes estudos no campo da psicologia experimental fornecem evidências que apoiam essa hipótese. Por exemplo, Gentner e Gentner (1983) demonstraram que diferentes comparações com situações conhecidas ajudam as pessoas a preverem diversos aspectos do comportamento de um circuito elétrico.

Da mesma forma, Semino (2011, p. 130-131) postula que as metáforas conceptuais desempenham um papel importante na modelagem das disciplinas científicas e de seus discursos, uma vez que introduzem uma terminologia de origem metafórica que progressivamente adquire significados especializados, deixando de ser percebida como metafórica. Isso ocorre tanto na linguagem especializada quanto na linguagem pedagógica ou de divulgação (Boyd, 1993). O escopo do nosso trabalho concentra-se na divulgação da depressão por psicanalistas, alinhando-se aos modelos psicossociais e psicodinâmicos de interpretação da doença, conforme discutido por Giddens (2006), que, tal como os enquadramentos mentais postulados por Lakoff (2004) na análise política da sociedade norte-americana (o Estado como pai estrito vs. mãe protetora), competem no nível discursivo para impor uma determinada visão da doença.

Na Seção 1, discutiremos detalhadamente os estudos e pesquisas realizados nesse domínio na área da saúde mental. Na Seção 2, apresentaremos o *corpus* e a metodologia utilizados no trabalho. Na Seção 3, compartilharemos os resultados e a análise do corpus. Finalmente, faremos as considerações finais do artigo.

1 Análise do Discurso e metáfora no campo da psicanálise

Nos últimos anos, alguns trabalhos têm sido publicados sobre a aplicação da análise do discurso no domínio da saúde, especialmente na área da saúde mental (Lavanty, 2015; Tonon 2020; Sari e Nirmala, 2023). Essas pesquisas têm focado a interação entre psicanalista e analisando, especialmente no processo de estabelecimento do diagnóstico, analisando as estratégias de comunicação dos profissionais e a

delimitação das fases do encontro psicanalista-paciente como gênero discursivo (Martínez, Segovia, Benditkis, 2017; Suárez-Vergne, 2019; Cueva e Cortez, 2021). Esses estudos demonstraram que a forma como os profissionais apresentam os tratamentos influencia significativamente a probabilidade de aceitação ou rejeição pelos pacientes. Por exemplo, pesquisas recentes indicam que o uso da terapia psicanalítica em pacientes com depressão leve está, em grande parte, associado ao discurso ambíguo dos psicanalistas ao recomendar esses tratamentos (Weiden *et al.*, 2015). Essas investigações ressaltam o papel crucial da linguística aplicada nos cuidados de saúde e a necessidade de uma maior colaboração entre linguistas, profissionais de saúde e pesquisadores de outras áreas das ciências sociais, com o objetivo de garantir que a pesquisa tenha uma aplicação prática para os usuários finais (Candlin; Candlin, 2003).

Na área da saúde mental, destaca-se a necessidade de avançar para um discurso interdisciplinar de cura holística, embora as fronteiras profissionais possam ser obstáculos ao tratamento eficaz de transtornos mentais (Sainsbury Center for Mental Health, 2001). Nesse cenário, vale destacar o trabalho de Zeeman e Simons (2011), que analisa a introdução de uma nova figura profissional na área da saúde mental na Inglaterra, combinando práticas médicas, psicologia, enfermagem e terapia psicanalítica. O estudo baseia-se na análise do discurso dos profissionais envolvidos nesta iniciativa para compreender como eles conceptualizam seu papel e prática. No entanto, Zeeman e Simons (2011) mostram o surgimento de discursos complementares que enriquecem e equilibram o discurso psicanalítico, defendendo um discurso interdisciplinar que valorize os componentes psicanalíticos e humanísticos do cuidado em saúde mental. Os autores destacam a natureza performativa da linguagem e como a linguagem constrói a realidade e os efeitos de uma construção particular.

Na supremacia do discurso psicanalítico também é evidente o uso de certas metáforas. Roseman (2016) destaca o aumento de termos como 'combate, defesa', que, analogamente às intervenções psicoterapêuticas, refletem uma conceptualização de transtornos mentais baseada na guerra: um elemento interno invade a pessoa afetada, e o tratamento visa erradicá-lo. Dentro dessa metáfora, é comum o uso de expressões como 'efeitos terapêuticos' ou a descrição dos afetados como 'analisados'.

A escolha dessas metáforas pode ter profundas consequências na prática profissional, o que leva Roseman (2008, 2016) a considerar fundamental reconsiderá-

las, assim como os conceitos de diagnóstico e tratamento que elas implicam. Muitos termos da psicanálise surgiram como metáforas, como é o caso da depressão ("estado afetivo desafiador" ou "dificuldades emocionais persistentes"), metáforas que, embora usadas como verdades literais no discurso psicanalítico, continuam a influenciar a maneira como conceptualizamos um transtorno específico. Conseqüentemente, o estudo da metáfora conceptual na área da psicanálise pode ser muito útil para avançar na compreensão e tratamento dos transtornos mentais.

Neste ponto, é importante destacar que numerosos estudos têm sido realizados sobre a linguagem das pessoas em tratamento psicanalítico. A investigação mostra certas deficiências semânticas e pragmáticas nesses falantes, especialmente dificuldades em identificar a ironia, bem como problemas na compreensão de metáforas (de Bonis *et al.*, 1997; Langdon *et al.*, 2002; Bruce e Bodenstein, 2005; Mossaheb *et al.*, 2014). No entanto, nem todos os estudos confirmam esse padrão. Por exemplo, Iakimova *et al.* (2005) não encontram dificuldades de reconhecimento de metáforas em pessoas com diagnóstico com depressão quando as metáforas são convencionais. O problema básico, como apontam Gibbs e Franks (2002), é que nesses estudos os investigadores tendem a prestar atenção apenas às metáforas mais criativas e idiossincráticas, omitindo o estudo das metáforas convencionais.

Da mesma forma, vários trabalhos têm demonstrado que a metáfora pode ser uma ferramenta útil no tratamento de pacientes com transtornos mentais (Mould *et al.*, 2010). Especificamente, o terapeuta propõe uma certa metáfora (por exemplo, a família é uma jangada), a partir da qual o paciente deve articular sua fala, o que permite expressar suas experiências subjetivas com mais agilidade. Outra abordagem é a proposta por Semino *et al.* (2017), que sugere o uso de metáforas nas interações com pacientes oncológicos para potencializar seu empoderamento, ou seja, aumentar seu grau de agentividade. Nesse sentido, Roseman (2016) indica que os profissionais devem estar atentos à função das metáforas que utilizam (associações emocionais positivas ou negativas, empoderamento ou desempoderamento, etc.), pois estas têm conseqüências na prática profissional.

Contudo, esta área de investigação ainda é pouco explorada, e não encontramos estudos que analisem sistematicamente a produção espontânea de metáforas no discurso

dos profissionais de saúde mental. Esse é o objetivo fundamental deste artigo, focado especificamente na análise do discurso psicanalítico a respeito da depressão.

2 Corpus e métodos

O presente trabalho parte da hipótese de que o uso de diferentes metáforas conceptuais para falar sobre a depressão reflete concepções específicas sobre o estresse mental e a doença em geral. As metáforas são analisadas como indícios ou testes para detectar diferentes tipos de discurso relacionados ao estresse mental. O objetivo é observar se as metáforas formuladas espontaneamente por psicanalistas em um contexto de divulgação se inscrevem no discurso psicanalítico ou em discursos humanísticos alternativos de interpretação da doença (Giddens, 2006; Zeeman, Simons, 2011).

O *corpus* analisado consiste em quatro vídeos com psicanalistas de renome no Brasil que discutem a depressão e seu tratamento. Os vídeos são: (i) "Depressão³", com Maria Homem (13 min 19 seg); (ii) "DEPRESSÃO: o que nunca te contam⁴", com Lucas Nápoli (10 min 52 seg); (iii) "Psicanalista explica a depressão⁵", com Christian Dunker (12 min 48 seg); e (iv) "Psicanálise e a Clínica das Depressões⁶", com Maria Rita Kehl (35 min). A duração total dos vídeos é de 71 minutos e 59 segundos.

Para a constituição e anotação do *corpus*, foi realizada uma transcrição dos fragmentos relevantes dos vídeos em que os psicanalistas abordam a temática. A detecção de expressões metafóricas foi realizada utilizando o método *Metaphor Identification Procedure* (MIP), conforme definido pelo Pragglejaz Group (2007), e a definição da estrutura das metáforas foi adaptada do método de Steen (1999, 2007). O processo metodológico foi formalizado nos seguintes cinco passos:

1. Identificação do Foco Metafórico: Identificação da palavra ou grupo de palavras que permitem identificar uma EM. Para este passo, são seguidos os critérios definidos pelo MIP: a) estabelecer o significado das unidades léxicas no contexto analisado; b) detectar um significado mais básico (mais concreto, preciso, menos vago

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=chfmkez8THg> Acesso em: 10 de jul. 2024.

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w6JTXuWed7g&t=1s> Acesso em: 10 de jul. 2024.

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8W709LcBUW8> Acesso em: 10 de jul. 2024.

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w4sts2P4szE&t=2s> Acesso em: 10 de jul. 2024.

e/ou relacionado a aspectos físicos); e c) determinar que o sentido contextual se relaciona com o sentido mais básico por algum tipo de semelhança.

2. Identificação do Domínio Meta do MC: Identificação do domínio meta a partir da EM ou do seu contexto.

3. Identificação do Domínio de Origem do MC: Identificação do domínio de origem a partir do foco metafórico.

4. Estabelecimento de Correspondências Ontológicas e Epistêmicas do MC: Determinação das relações entre elementos dos domínios (correspondências ontológicas) e identificação das propriedades que se transmite do domínio de origem para o domínio meta (correspondências epistêmicas).

5. Detecção do Nível de Generalização do MC: Identificação se o MC é parte de uma metáfora mais genérica ou se é uma combinação de metáforas mais básicas.

A aplicação deste método possibilitou a detecção tanto de novas metáforas quanto de metáforas convencionalizadas (Bowdle, Gentner, 2005) com uma base metafórica ativa (Pragglejazz Group, 2007, P. 30).

3 Resultado e análise

Para analisar o discurso metafórico-conceitual dos psicanalistas no *corpus*, consideramos dois aspectos relevantes: (i) quais são os domínios meta que aparecem no discurso e em que medida; e (ii) quais são os domínios de origem usados para conceptualizar esses domínios meta e como são articulados em termos de correspondência.

O primeiro aspecto é importante porque denota a focalização do discurso, destacando os temas que os psicanalistas consideram relevantes. O segundo aspecto é fundamental na interpretação do discurso, pois indica quais metáforas são utilizadas para explicar o domínio meta e de que maneira são empregadas. Ao revelar quais entidades ou conceitos são projetados, essas metáforas oferecem percepções sobre ideias e conceptualizações específicas.

3.1 Análise quantitativa

A metodologia de análise descrita no capítulo anterior possibilitou a identificação de um total de 51 expressões metafóricas (EM), as quais foram organizadas em 6 grandes categorias de metáforas conceptuais (MC), de acordo com o domínio meta. Esses resultados estão detalhados na Tabela 1 a seguir.

Tabela 1- Tipos encontrados de EM classificados por domínio meta

Tipos de MC por domínio destino	Número de EM	%
Metáforas do ser animado	18	35,2%
Metáforas da guerra	9	17,6%
Metáforas do esporte	7	13,7%
Metáforas do objeto	7	13,7%
Metáforas da prisão	3	5,8%
Outras metáforas	7	13,7%

Fonte: Elaborada pelo autor

A análise revela que as categorias predominantes são as relacionadas ao ser animado e à guerra. As metáforas do ser animado representam 35,2% do total de expressões, evidenciando uma presença significativa entre as metáforas identificadas. Em seguida, as metáforas da guerra correspondem a 17,6% do total. As metáforas do esporte e do objeto apresentam a mesma porcentagem, 13,7%, cada uma, indicando uma participação igualmente relevante nas expressões analisadas. Por outro lado, as metáforas da prisão são as menos numerosas, com apenas 5,8% do total, refletindo uma menor frequência. As outras metáforas, que incluem categorias diversas e menos específicas, também correspondem a 13,7% do total.

Os dados sugerem várias conclusões sobre a natureza das metáforas conceptuais analisadas: A categoria de metáforas do ser animado é a mais representativa, com 35,2% do total. Isso indica que as expressões metafóricas que comparam conceitos a seres animados são particularmente comuns e podem refletir uma tendência cultural ou uma forma eficaz de transmitir significados complexos usando atributos humanos ou animados.

Com 17,6% do total, as metáforas da guerra são a segunda maior categoria. Isso pode sugerir que conceitos complexos ou conflitantes são frequentemente descritos através da linguagem bélica, o que pode refletir uma ênfase em aspectos de confronto, estratégia e competição na forma como as ideias são discutidas.

As metáforas do esporte e do objeto, ambas representando 13,7%, indicam que há um equilíbrio na utilização dessas categorias para descrever e entender conceitos. Isso pode sugerir que metáforas relacionadas a atividades esportivas e objetos cotidianos são igualmente influentes na comunicação e compreensão de ideias.

Com apenas 5,8% das expressões, as metáforas da prisão são a categoria menos representativa. Isso pode indicar que as metáforas que comparam conceitos a prisões ou confinamentos são menos prevalentes, possivelmente por serem menos versáteis ou menos intuitivas em determinados contextos.

As metáforas classificadas como "outras" também correspondem a 13,7%, o que sugere que há uma variedade de metáforas menos comuns, mas ainda relevantes. Esse grupo pode incluir metáforas que não se encaixam claramente nas categorias principais, mas que ainda desempenham um papel significativo na comunicação metafórica.

Em resumo, os dados sugerem uma predominância de metáforas que associam conceitos a seres animados e à guerra, com uma distribuição equilibrada entre metáforas do esporte e do objeto. As metáforas da prisão são menos frequentes, e existe uma diversidade de metáforas menos comuns que também contribuem para a complexidade da linguagem metafórica.

3.2 Análise qualitativa

a) Metáforas do ser animado

Entrelaçado ao conceito de conteúdo mental está o das emoções, que têm uma natureza mista entre o psíquico e o físico. As expressões metafóricas que envolvem emoções estão praticamente divididas ao meio entre reificação e personificação, levando à metáfora A DEPRESSÃO É UM SER ANIMADO. Isso é comparável às metaforizações dos transtornos mentais, nos quais ambos os domínios de origem também aparecem. Contudo, existem duas diferenças principais: nos transtornos mentais, a reificação é residual, resultando em uma caracterização mais acentuada da doença como uma entidade animada do que nas emoções; e, no caso das emoções, não há ambiguidade no domínio de origem entre uma pessoa ou outra entidade animada, já

que as expressões verbais que atuam como foco da metáfora requerem claramente capacidades intencionais.

(1) “Eu inibo o eu, eu inibo minhas funções (...)”

(2) “As afetações vão destruindo, reduzindo o prazer que eu tenho com as coisas (...)”

Em (1), o "eu" e as "funções" são tratados como algo que pode ser inibido, como um objeto ou processo mecânico, enquanto em (2), as afetações são tratadas como agentes capazes de destruir, o que normalmente é uma ação de um objeto ou força física. O uso do *corpus* de metáforas por psicanalistas, em que uma emoção é personificada, é consistente com seu uso típico, conforme indicado por Kovecses (2002, p. 21), que afirma que a metaforização das emoções implica forças e, portanto, a existência de agentes. Por outro lado, o uso de uma emoção é uma coisa não tão comum em inglês, embora possa ser considerado convencional em português e espanhol, em que são comuns expressões em que as emoções são expressas como algo que "se tem". Assim, não se percebe nesse tipo uso idiossincrático de metáforas emocionais por parte dos psicanalistas.

b) Metáforas da Guerra

Nas expressões abaixo, observa-se a conceptualização de A DEPRESSÃO É UMA GUERRA. Metáforas que estruturam um processo conflituoso, utilizando elementos próprios de uma guerra (antagonistas, armas, vitórias e derrotas), são extremamente comuns, conforme indicam múltiplos estudos sobre metáfora conceptual. A metáfora da luta contra a doença foca-se no afetado, deixando outros agentes, como psicanalistas, outros profissionais, familiares e amigos, em um nível de implicação mais distante ou inexistente. Esse tipo de metáfora marca a situação como um conflito que se refere basicamente ao afetado, o que pode ser interpretado como uma forma de empoderamento do paciente.

(3) “Estratégia do conflito que perdi (...)”

(4) “As afetações vão destruindo, derrotando, reduzindo o prazer que eu tenho com as coisas (...)”

Em (3) a metáfora usa termos militares para descrever situações de vida em que se experimentou falhas ou derrotas. A doença é comparada a uma guerra, em que cada

desafio ou problema é visto como uma batalha ou conflito. "Estratégia" refere-se às tentativas de resolver ou superar esses problemas, enquanto "conflito" e "perdi" indicam as lutas e os fracassos pessoais. Já em (4) a metáfora compara emoções negativas e impactos psíquicos a forças militares destrutivas. Aqui, as emoções são personificadas como agentes que causam danos, derrota e redução de prazer, como exércitos que invadem e destroem territórios.

No campo de análise de discursos sobre a doença, como exemplificado por Semino *et al.* (2017), detecta-se uma grande incidência dessa metáfora na conceptualização do câncer. No discurso dos psicanalistas, os contendores na luta são sempre a doença ou o paciente, refletindo uma concepção psicossocial da situação. Em outros discursos sobre psicanálise, pode-se destacar como inimigo o estigma social.

c) **Metáforas do esporte**

O esporte oferece uma imagem expressiva da sociedade e reflete uma maneira de pensar e ver o mundo. Jogos permitem às pessoas expressar pensamentos e sentimentos, especialmente através de características como competição, rivalidade e estratégia. A metáfora A DEPRESSÃO É UM ESPORTE, numa abordagem psicanalítica, é entendida por meio da metáfora do jogo, da competição ou do esporte, representa o inconsciente como um campo de batalha estratégico, onde a mente consciente e o terapeuta são jogadores engajados em uma partida complexa. Emoções reprimidas e conflitos internos atuam como adversários que precisam ser superados para se alcançar a "vitória", que é a saúde mental e o autoconhecimento. Assim como em uma competição esportiva, o processo psicanalítico envolve táticas e estratégias: cada sessão é um movimento no tabuleiro, cada insight uma jogada crucial, e cada progresso uma conquista em direção à meta final. Nesse contexto, resiliência, adaptação e a capacidade de lidar com imprevistos são essenciais, assim como no esporte, onde a vitória é conquistada através de persistência, prática e habilidade.

(5) “A pressão não quer jogar na vida.”

(6) “São times que não estão preocupados em fazer gols e sim em não tomar gols.”

Em (5) a metáfora sugere que a pressão ou estresse está impedindo alguém de se engajar plenamente na vida, similar a um jogador que não consegue atuar bem devido à

pressão excessiva. A pressão pode paralisar ou desviar o foco, impedindo a pessoa de viver de forma mais eficaz e produtiva. Já em (6) essa metáfora descreve uma abordagem defensiva ou conservadora, comparando a situação a times de futebol que priorizam a defesa em vez do ataque. Em vez de buscar oportunidades e assumir riscos para alcançar objetivos (fazer gols), esses times (ou pessoas) focam em evitar falhas ou danos (não tomar gols). Isso reflete uma mentalidade mais cautelosa, preocupada com a proteção em vez do crescimento ou inovação.

Amar (2014), ao examinar metáforas na imprensa espanhola sobre esportes, fica claro que a metáfora conceptual nesse campo pode originar duas principais categorias de expressões metafóricas: relações ontológicas, que lidam com o domínio transcendental da metáfora, e relações epistêmicas, que envolvem a importância radical do significado substancial e transcendental da metáfora.

d) Metáforas dos objetos

As expressões metafóricas que tratam A DEPRESSÃO É UM OBJETO ilustram a tendência humana de concretizar e objetificar experiências abstratas, facilitando sua compreensão e manipulação. Ao representar a depressão como algo físico e tangível, essas metáforas permitem que conceitos intangíveis sejam visualizados e abordados de maneira mais concreta e manejável.

(7) “Vamos mensurar isso, ligação com o outro... ligação libidinal (...)”

(8) “Seria uma espécie de teia de aranha, uma narrativa (...)”

Em (7) a metáfora aborda a depressão como algo que pode ser quantificado e avaliado, como um objeto passível de medição. Ao sugerir que a depressão pode ser "mensurada", a metáfora implica que é possível determinar sua intensidade e impacto de forma precisa. Essa perspectiva facilita a abordagem científica e prática da depressão, permitindo que profissionais e pacientes utilizem métricas e avaliações para entender e tratar o sofrimento emocional. Já em (8) a depressão é comparada a uma teia de aranha, uma estrutura complexa e entrelaçada. Essa metáfora sugere que a depressão é uma rede intrincada de pensamentos, emoções e experiências que estão interligados e afetam um ao outro. A imagem da teia de aranha destaca a complexidade e a interconexão dos

elementos que compõem a depressão, tornando-a um objeto que pode ser desfeito e compreendido através da análise das suas partes constituintes.

Steen (1999) analisou como as metáforas, incluindo aquelas que conceptualizam a depressão como um objeto ou coisa, são utilizadas para comunicar e compreender experiências complexas. Essas metáforas são eficazes porque transformam a depressão de um conceito abstrato em algo que pode ser manipulado e explorado. Ao conceptualizar a depressão como um objeto quantificável ou uma estrutura complexa, elas proporcionam uma forma de visualizar e intervir no sofrimento emocional de maneira mais acessível e prática.

e) Metáforas da prisão

As expressões metafóricas abaixo que indicam que A DEPRESSÃO É UMA PRISÃO refletem uma visão da condição como um estado de confinamento e limitação. Essas metáforas ilustram a sensação de aprisionamento psicológico e emocional que pode acompanhar a depressão, tornando o sofrimento mais palpável e compreensível.

(9) “Tudo está bloqueado, tudo cerrado, tudo foi neurotizado (...)”

(10) “Ela dialoga com um ambiente que não é libertário... ele está detido (...)”

Em (9) compara a situação da pessoa com um ambiente que não promove a liberdade, sugerindo que a depressão ocorre em um espaço onde a possibilidade de libertação ou mudança é restrita. A expressão “está bloqueado” indica que o ambiente emocional ou psicológico da pessoa está preso, sem acesso a uma sensação de liberdade ou autonomia. Essa metáfora destaca como a depressão pode criar um cenário interno de confinamento, em que as opções e oportunidades são limitadas. Já em (10) representa a depressão como uma forma de prisão também onde tudo está restrito e imobilizado. O uso de termos como "está detido" e "não é libertário" sugere uma sensação de estar preso em um espaço sem saída, em que a liberdade de ação e pensamento está severamente limitada. A expressão "neurotizado" implica que essa prisão é tanto mental quanto emocional, reforçando a ideia de que a depressão cria uma barreira que impede o indivíduo de se movimentar livremente ou de experimentar prazer e realização.

Tonon (2021) investigou as expressões metafóricas decorrentes da experiência de depressão e sua relação com a ideia de prisão para aprofundar nossa compreensão desse transtorno mental e suas consequências. As metáforas linguísticas refletem nossa capacidade inata de pensar metaforicamente, criando modelos mentais da realidade com base no pensamento analógico e associativo, duas forças mentais poderosas do sistema cognitivo humano. Por essa razão, as metáforas, devido ao seu poder cognitivo, são capazes de moldar nossa compreensão do mundo, organizando e construindo uma representação cognitiva da realidade. Além disso, as metáforas derivam de nossas interações diárias com o mundo, que são inconscientemente internalizadas e posteriormente usadas como uma base conceitual para estruturar domínios abstratos, subjetivos e intangíveis da experiência.

f) Outras metáforas

Nesta última seção de análise em "Outras Metáforas" da metáfora da depressão, identificamos metáforas que, embora não tenham sido tão frequentes no corpus quanto as demais, oferecem representações significativas e reveladoras da depressão conforme abordada pelos psicanalistas nos vídeos analisados. Elas são importantes não apenas para a prática clínica psicanalítica, permitindo o reconhecimento e o desvendamento das possíveis causas do sofrimento emocional, mas também para a pesquisa, pois ajudam a iluminar aspectos da depressão que podem ser menos evidentes em metáforas mais comuns.

(11) “A vida *retorna, de novo e de novo* (...)”

(12) “Eu diria que aí está um enigma muito interessante sobre as potências (...)”

(13) “... é uma ação contínua... é bater na mesma tecla (...)”

(14) “... e mundo capitalista te oferece coisas (...)”

(15) “A velocidade do nosso dia a dia, do tempo (...)”

(16) “E a aceleração do tempo (...)” transporte

(17) “... o indivíduo que fica perdido (...)”

As expressões linguísticas em (11) e (13) sugerem a metáfora A DEPRESSÃO É UMA REPETIÇÃO, pois representam uma repetição interminável e exaustiva, como se a vida fosse um ciclo contínuo e opressivo que não oferece alívio. Em (12), a metáfora compara a complexidade da depressão a um enigma intrigante e difícil de decifrar, enfatizando o caráter misterioso e multifacetado da condição, sugerindo que A

DEPRESSÃO É UM MISTÉRIO. A expressão revela a metáfora do desgaste contínuo, refletindo a sensação de estagnação e frustração associada à depressão, em que os problemas parecem ser repetitivos e inescapáveis. Em (14), a expressão linguística sinaliza para A DEPRESSÃO É MERCADO, indicando que a depressão pode ser exacerbada pela superficialidade e insatisfação associadas ao consumismo e às pressões do mundo capitalista. As metáforas em (15) e (16) referem-se à sensação de sobrecarga e urgência que pode acompanhar a depressão, em que o tempo parece se mover de forma implacável e as responsabilidades se acumulam rapidamente, sugerindo que A DEPRESSÃO É MEIO DE TRANSPORTE. Em (17), a expressão metafórica descreve a sensação de desorientação e falta de direção que muitos experienciam com a depressão, comparando-a a um estado de perda e confusão, em que a pessoa se sente incapaz de encontrar um caminho claro ou propósito, caracterizando A DEPRESSÃO É PERTURBAÇÃO.

No livro *Metaphorical Understandings of Mental Illness*, Young e Gergen (2022) oferecem uma análise detalhada sobre como as metáforas são utilizadas para compreender e comunicar experiências relacionadas a doenças mentais, incluindo a depressão. Esse trabalho é especialmente relevante para a discussão sobre as metáforas da depressão, como aquelas descritas neste trabalho, que associam a condição a conceitos como prisão, mercado e repetição. Os autores discutem que as metáforas conceituais desempenham um papel fundamental na representação e interpretação das experiências mentais, oferecendo uma lente por meio de profissionais de saúde mental e os pacientes podem entender e descrever a complexidade da depressão.

As metáforas usadas para descrever a depressão variam amplamente, refletindo diferentes formas de entender e comunicar essa condição complexa. As metáforas do ser animado retratam a depressão como uma entidade com intenções e ações próprias, usando comparações que vão desde a inibição de funções até a destruição de prazer. As metáforas da guerra comparam a depressão a um conflito bélico, enfatizando a luta individual contra a doença e a sensação de empoderamento que pode resultar dessa perspectiva. As metáforas do esporte representam a depressão como um jogo ou competição, em que o processo terapêutico é visto como uma série de jogadas estratégicas para alcançar a saúde mental. As metáforas dos objetos tratam a depressão como algo tangível e quantificável, facilitando sua manipulação e compreensão. As

metáforas da prisão ilustram a sensação de confinamento e limitação emocional que acompanha a depressão. Finalmente, outras metáforas abordam a depressão como repetição, mistério, mercado, meio de transporte e perturbação, oferecendo insights sobre a complexidade e os desafios associados à condição. Cada uma dessas metáforas ajuda a moldar a compreensão da depressão, influenciando a forma como ela é discutida, tratada e vivida.

Considerações, por ora, finais

O estudo apresentou uma análise das metáforas conceituais do discurso psicanalítico sobre a depressão, utilizando a Teoria da Metáfora Conceitual (TMC) como metodologia. Identificou-se que a metáfora conceitual desempenha um papel significativo na compreensão e comunicação da depressão, destacando seis categorias principais: metáforas do ser animado, da guerra, do esporte, dos objetos, da prisão e outras. As metáforas do ser animado e da guerra foram as mais predominantes, refletindo tendências culturais e estratégias de comunicação efetiva.

A análise quantitativa revelou que as metáforas do ser animado são as mais frequentes, sugerindo uma tendência em tratar a depressão como um agente animado. As metáforas da guerra também foram significativas, indicando uma visão da depressão como um conflito a ser enfrentado. As metáforas do esporte e dos objetos demonstraram um equilíbrio, enquanto as metáforas da prisão foram menos comuns.

A análise qualitativa aprofundou a compreensão dessas metáforas, evidenciando como elas ajudam a moldar a percepção da depressão e influenciam a prática psicanalítica. A personificação da depressão e sua conceptualização como uma batalha destacam a importância de entender os discursos metafóricos para melhorar a abordagem terapêutica e a comunicação entre psicanalistas e pacientes.

O estudo pode contribuir para a compreensão da linguagem metafórica no discurso psicanalítico sobre a depressão, sugerindo que a escolha de metáforas pode impactar significativamente a prática clínica e a percepção dos analisandos e analistas sobre a doença, bem como para estudiosos da linguística. Recomenda-se que futuros estudos explorem a aplicação prática dessas descobertas, investigando como diferentes metáforas podem afetar o tratamento e a comunicação terapêutica. Além disso, seria

valioso expandir a análise para incluir outras condições psicanalíticas, comparando o uso de metáforas em diferentes contextos clínicos. Estudos longitudinais que acompanhem a evolução do uso de metáforas ao longo do tempo também poderiam oferecer percepções sobre mudanças na percepção e abordagem da depressão na prática psicanalítica.

REFERÊNCIAS

AMAR, Abdullah Al. La política es un juego: un análisis de la metáfora política en la prensa española. **European Scientific Journal**, February 2014 edition, v. 10, p. 233-249, 2014. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/328024095.pdf>. Acesso em: 4 ago. 2024.

BONIS, M.; *et al.* The comprehension of metaphors in schizophrenia. **Psychopathology**, v. 30, p. 149-154, 1997.

BOYD, R. Metaphor and theory change: What is ‘metaphor’ a metaphor for? In: ORTONY, A. (ed.), **Metaphor and Thought**, Cambridge: Cambridge University Press. 1993, p. 481-532.

BRUCE, M.; BODENSTEIN, L. Proverb comprehension reconsidered: Theory of mind and the pragmatic use of language in schizophrenia. **Schizophrenia Research**, v. 75, p. 233-239, 2005.

BOWDLE, B. F.; GENTNER, D. The career of metaphor. **Psychological Review**, v. 112, n. 1, p. 193-216, 2005.

CANDLIN, N.; CANDLIN, S. Health care communication: a problematic site for Applied Linguistics research. **Annual Review of Applied Linguistics**, v. 23, p. 134-154, 2003.

CUEVA, M. A. L.; CORTEZ, A. D. C.. Repercusión del aislamiento social por COVID-19 en la salud mental en la población de Perú: síntomas en el discurso del ciberespacio. **Discurso & Sociedad**, v. 15, n. 1, p. 215-243, 2021.

GENTNER, D.; GENTNER, D.R. Flowing waters or teeming crowds: Mental models of electricity. In: GENTNER, D; STEVENS, L. (eds.), **Mental Models**, Hillsdale NJ: Erlbaum, 1983, p. 99-129.

GIBBS JR., R.W. **The Poetics of Mind**. Figurative Thought, Language and Understanding. New York: Cambridge University Press, 1994.

GIBBS Jr., R. W; FRANKS, H. Embodied metaphors in women’s narratives about their experiences with cancer. **Health Communication**, New York, vol. 14, p. 139-165, 2002.

GIDDENS, A. **Sociología**. Madrid: Alianza, 2006.

GOERING, E. M. (2015). Metaphors as mirrors into what it means to be diabetic. In: M. Antón, M; GOERING; E. M. (eds.), **Understanding Patients' Voices. A Multi-method Approach to Health Discourse**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, p. 2015, p 71- 86.

IAKIMOVA, G.; et al. ERPs of metaphoric, literal, and incongruous semantic processing in schizophrenia. **Psychophysiology**, v. 42, p. 380-390, 2005.

JOHNSON, M. **The Body in the Mind: The Bodily Basis of Meaning, Imagination, and Reason**. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

KÖVECSES, Z. **Metaphor: A practical introduction**. New York: Oxford University Press, 2002.

LANGDON, R.; et al. Disturbed communication in schizophrenia: The role of poor pragmatics and poor theory-of-mind. **Psychological Medicine**, v. 32, n. 7, p. 1273-1284, 2002.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Philosophy in the Flesh**. New York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, G. **Women, Fire, and Dangerous Things: What Categories Reveal About the Mind**. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G. "Metaphor and war: The metaphor system used to justify war in the gulf". **Peace Research**, vol. 2, n. 3, p 25-32. 1991.

LAKOFF, G. The contemporary theory of metaphor. In: ORTONY, A. (ed.), **Metaphor in thought**. New York: Cambridge University Press, 1993. p. 202-251.

LAKOFF, G. Don't Think of an-Elephant! **Know Your Values and Frame the Debate: The Essential Guide for Progressives**. Chelsea Green Publishing, 2004.

LAKOFF, G.; TURNER, M. **More Than Cool Reason: A Field Guide to Poetic Metaphor**. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

LAVANTY, B. **Describing emotions: major depressive disorder and conceptual metaphor theory**. 2015. 171 p. Dissertação (Mestrado em Linguística Cognitiva) – Case Western Reserve University School of Graduate Studies, Cleveland, 2015.

MARTÍNEZ, J. N.; SEGOVIA, S. L.; BENDITKIS, L. H. La representación de la depresión profunda en el discurso y sus subyacentes mapeos innovadores. **Discurso & Sociedad**, v. 11, n. 2, p. 232-261, 2017.

MOSSAHEB, N.; et al. Comprehension of metaphors in patients with schizophrenia-spectrum disorders. **Comprehensive Psychiatry**, v. 55, p. 928-937, 2014.

MOULD, T. J.; et al. The use of metaphor for understanding and managing psychotic experiences: A systematic review. **Journal of Mental Health**, v. 19, n. 3, p. 282-293, 2010.

PRAGGLEJAZ GROUP. MIP: a method for identifying metaphorically used words in discourse. **Metaphor and Symbol**, v. 22, n. 1, p. 1-39, 2007.

ROSENMAN, S. Metaphor, meaning and psychiatry. **Australasian Psychiatry**, v. 16, n. 6, p. 391-396, 2008.

ROSENMAN, S. Watch that metaphor! **Australian & New Zealand Journal of Psychiatry**, v. 50, n. 6, p. 507-508, 2016.

SAINSBURY CENTRE FOR MENTAL HEALTH. *The Capable Practitioner*. London: Sainsbury Centre for Mental Health, 2001.

SARI, N. A.; NIRMALA, D. Conceptual Metaphors of Mental Disorder Issues (A Cognitive Linguistic Study). **International Conference of Humanities and Social Science (Ichss)**, [S. l.], p. 535-546, 2023. Disponível em: <https://www.programdokterpbiuns.org/index.php/proceedings/article/view/188>. Acesso em: 31 jul. 2024.

SEMINO, E. The adaptation of metaphor across genres. **Review of Cognitive Linguistics**, Amsterdam/Filadelfia, vol. 9, n.1, p. 130-152, 2011.

SEMINO, E.; *et al.* The online use of Violence and Journey metaphors by patients with cancer, as compared with health professionals: A mixed methods study. **BMJ Supportive & Palliative Care**, London, vol. 7, n.1, p. 60-66, 2017.

SCHOENEMAN, T.; KHATERINE, S.; SELONA, S. The black struggle': Metaphors of depression in Styron's darkness visible. **Journal of Social and Clinical Psychology**, vol. 23, n. 3, p. 325-346, 2004.

STEEN, G. From linguistic to conceptual metaphor in five steps. In: GIBBS, R.; STEEN, G. (eds.). **Metaphor in cognitive linguistics**. Amsterdam: John Benjamins, 1999. p. 55-77.

STEEN, G. Finding metaphor in discourse: Pragglejaz and beyond. **Culture, Language and Representation (CLR)**, v. 5, p. 9-26, 2007.

SUÁREZ-VERGNE, A. Discriminación, apoyo social y bienestar psicológico en personas con trastornos mentales. **Revista Castellano-Manchega de Ciencias Sociales**, n. 26, p. 155-168, 2019. Disponível em:

<https://www.redalyc.org/journal/3221/322161687009/322161687009.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2024.

TONON, C. Metaphors of Psychological Deterioration: The Case of Depression. **Vol. XVIII, No. 20**, novembro 2020.

TONON, C. Metaphors as evidence of depression: Investigating the mental representation of depressive disorders. **Lingue e Linguaggi**, North America, v. 0, jul. 2021. Disponível em: <http://sibase.unisalento.it/index.php/linguelinguaggi/article/view/21613>. Acesso em: 3 ago. 2024.

YOUNG, Katherine K.; GERGEN, Michael J. **Metaphorical Understandings of Mental Illness**. 2022.

ZEEMAN, L.; SIMMONS, L. An analysis of discourse shaping mental health practitioners. **Journal of Psychiatric and Mental Health Nursing**, v. 18, p. 712-720, 2011.

WEIDEN, P. J. *et al.* The challenge of offering a long-acting antipsychotic therapy: a preliminary discourse analysis of psychiatrist recommendations for injectable therapy to patients with schizophrenia. **Journal of Clinical Psychiatry**, v. 76, n. 6, p. 684-690, 2015.